



JOAQUIM GONDIM

(Da Sociedade Brasileira de Actores Theatraes)

# ATRAVÉS DO AMAZONAS

(Impressões de viagens realizados em 1921)

TYR. DO "CÁ E LÁ"  
MANAÓS  
1922

JOAQUIM GONDIM

---

(Da Sociedade Brasileira de Auctores Theatraes)

# ATRAVÉS DO AMAZONAS

---

---

(Impressões de viagens realisadas em 1921)

---

MANAÓS

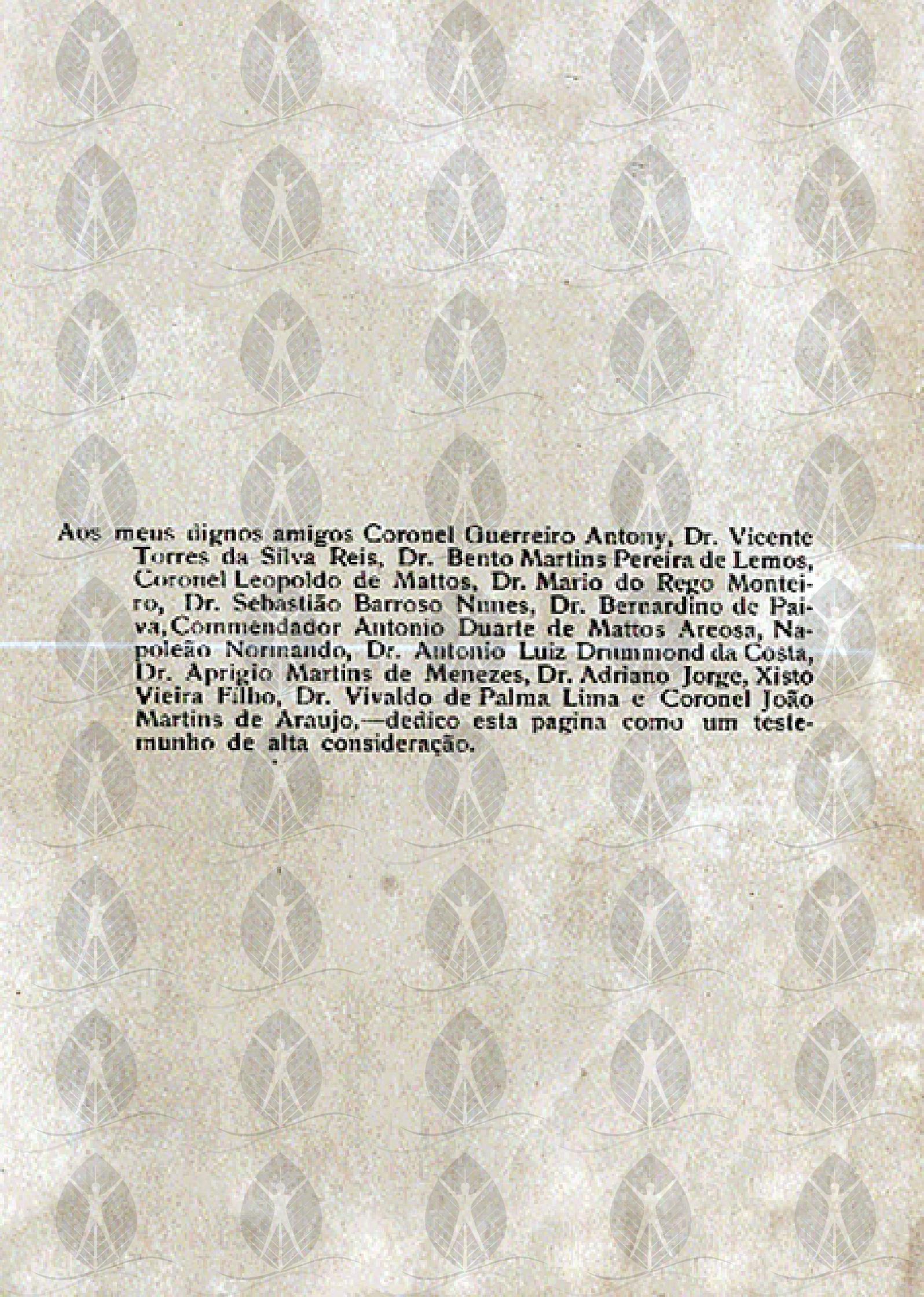
---

1922



Ao Ex.<sup>mo</sup> e Revd.<sup>mo</sup> D. João  
 Irineu Joffily, dignissimo bispo do  
 Amazonas,

testemunho de vene-  
ração e respeito.



**Aos meus dignos amigos Coronel Guerreiro Antony, Dr. Vicente Torres da Silva Reis, Dr. Bento Martins Pereira de Lemos, Coronel Leopoldo de Mattos, Dr. Mario do Rego Monteiro, Dr. Sebastião Barroso Nunes, Dr. Bernardino de Paiva, Commendador Antonio Duarte de Mattos Areosa, Napoleão Norinando, Dr. Antonio Luiz Drummond da Costa, Dr. Aprigio Martins de Menezes, Dr. Adriano Jorge, Xisto Vieira Filho, Dr. Vivaldo de Palma Lima e Coronel João Martins de Araujo,—dedico esta pagina como um testemunho de alta consideração.**

## BREVE EXPLICAÇÃO

Com a publicação deste livro não pretendo obter encomios nem fazer jus á menor conquista no scenario da vida intellectual.

O meu unico objectivo é prestar uma pequena contribuição á historia contemporanea, descrevendo, sem as lapidações do atticismo, as impressões de tudo o que observei através do estuario de alguns desses rios caudalosos que formam a nossa grandeza fluvial.

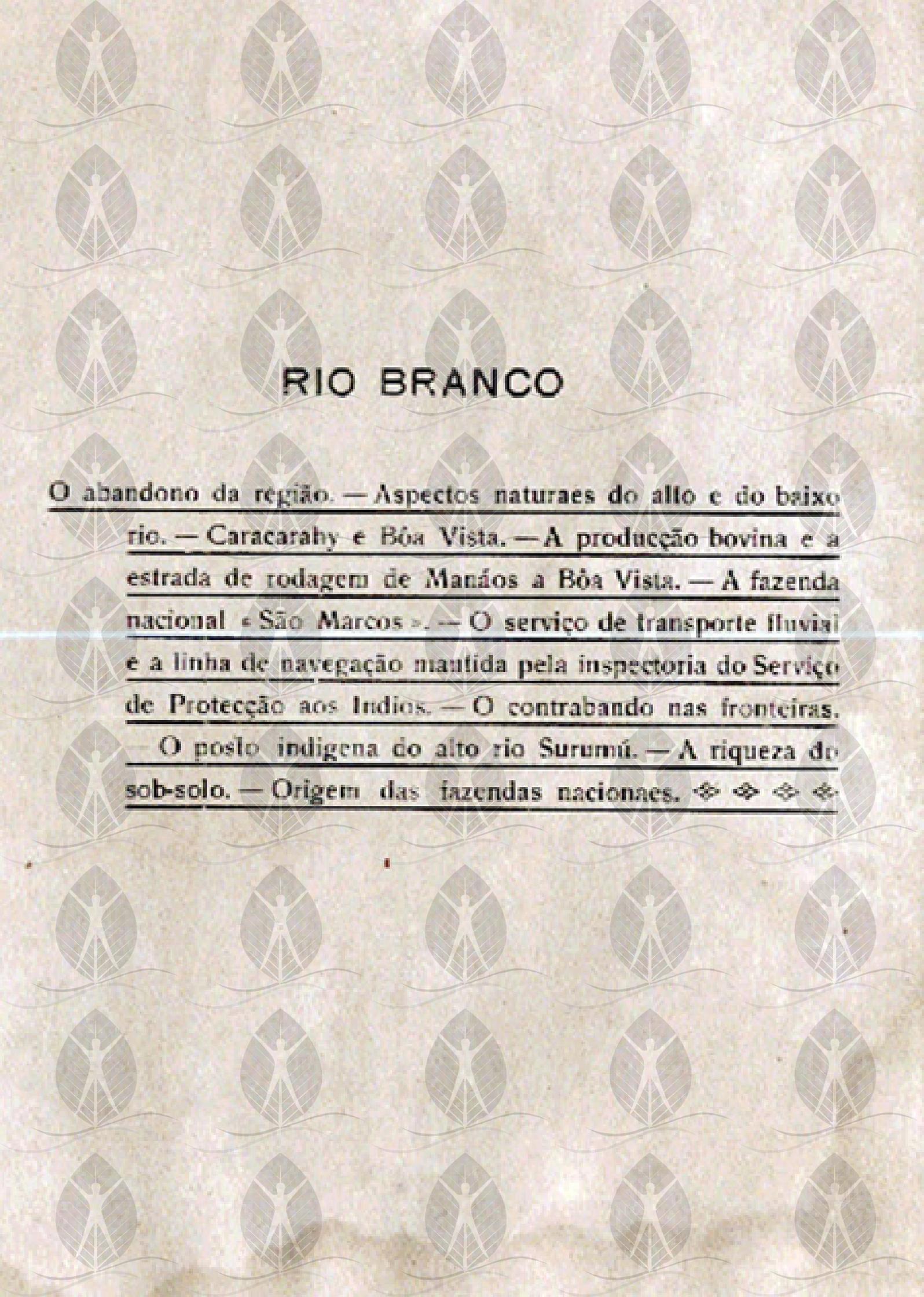
Devo, entretanto, confessar que, nessas excursões, não tive o prazer de percorrer a immensa calhe do rio Amazonas, e foi este o motivo que me privou de retratar as bellezas e os encantos naturaes de municipios importantes como Itacoatiara e Parintins, que se constituíram, nos tempos aureos, verdadeiros factores do nosso progresso material e financeiro, ha dez annos entravado pela crise tenebrosa que assoberba os centros commerciaes e productores.

Não me foi possivel tambem visitar todas as localidades dos rios percorridos, resultando desse mal o silencio imposto ao meu livro sobre as maravilhas de outros municipios, notadamente o de Porto Velho, que é, incontestavelmente, o centro de maior movimento do interior do Estado.

Trata-se, pois, de um trabalho incompleto e fraco demais para corresponder á expectativa do publico leitor. Mas, assim mesmo, não deixo de invocar para elle a indulgencia das almas generosas, com a affirmação sincera de que o escrevi animado pelo intuito de uma recompensa que me possa favorecer no emprehendimento de novas viagens aos pontos não percorridos, offerecendo-me, dest'arte, o ensejo de completar as minhas impressões.

Eis ahi a ligeira explicação que me cabia dar ao espirito magnanimo do publico amazonense.

*Joaquim Gondim d'Albuquerque Lins.*



## RIO BRANCO

O abandono da região. — Aspectos naturais do alto e do baixo rio. — Caracarahy e Boa Vista. — A produção bovina e a estrada de rodagem de Manãos a Boa Vista. — A fazenda nacional « São Marcos ». — O serviço de transporte fluvial e a linha de navegação mantida pela inspeccoria do Serviço de Protecção aos Indios. — O contrabando nas fronteiras. — O posto indigena do alto rio Surumú. — A riqueza do sob-solo. — Origem das fazendas nacionaes. ❖ ❖ ❖ ❖

# I

Não escapou ao espirito previdente de um antigo explorador a revelação de que havia no territorio do Amazonas, relegado ao abandono, um paraíso immenso de riquezas naturaes.

A sombra dessa verdade reflectia sobre o Rio Branco, como que para despertar a alma de um povo inerte que ainda permanecia nas trevas da indifferença, completamente alheio áquelle maravilhoso colosso, que tanto fascina os olhos dos nossos vizinhos da Venezuela e da Guyana Inglesa.

Nesse tempo, o Brazil delirava na febre da expansão colonial. Em todas as suas provincias do sul e do nordeste fazia-se sentir o sopro da iniciativa e do trabalho desbravando a floresta virgem, cultivando o solo e explorando todos os ramos da industria nacional.

No emtanto, como sempre acontece com os centros productivos do Amazonas, o Rio Branco permanecia em estado de adynamia. A sua opulencia não chegara a attrahir o elemento nacional, sabendo-se apenas que, em principios do seculo XVIII, fôra fundada, nas cabeceiras do rio Pirarara, affluente do Mahu, uma aldeia de indios brasileiros, administrada pelo carmelita frei José dos Santos Innocentes, que levantara no local uma capella e concentrara alguns selvicolas disseminados pelos campos adjacentes, ensinando-lhes os primeiros rudimentos da cultura agricola.

Outros povoados surgiram depois, mas tão insignificantes e desherdados da protecção official, que tiveram a mesma duração das rosas de Malherbe.

A propria aldeia de Pirarara desapparecera, a despeito das tentativas de colonização dos selvicolas, que, por varias vezes, tiveram de repellir grupos invasores de hespanhóes e inglezes, que tentaram apoderar-se das suas terras.

Foi este o resultado que tiveram os primeiros surtos de

colonização no Rio Branco e, ainda hoje, em pleno regimen republicano, a região sente os efeitos do esquecimento official. Afóra o desenvolvimento da pecuaria, nada mais se nota alli que os impulsos de uma colonização retardataria, em cujo plano figuram apenas a fazenda nacional < São Marcos > e o posto indigena do Surumú. As proprias fazendas particulares, possuidoras de grandes rebanhos bovinos, não apresentam um unico edificio recommendavel, tampouco vaqueiros ou aggregados em numero capaz de satisfazer as exigencias do serviço.

E' lamentavel essa falta de povoamento, tanto mais quando é sabido que, naquella opulenta região, o homem encontra margem para a sua prosperidade, em todos os ramos do serviço rural.

Quem percorre o baixo rio, através de soutos verdejantes, sente a desoladora impressão de um exilio, divagando a vista, horas e horas, sem lobrigar a sombra de uma pequena habitação. As margens permanecem ao abandono, a despeito das suas magnificas terras firmes e das suas arvores preciosas, que constituiriam verdadeira fonte de riqueza se fossem aproveitadas na intensificação da cultura agricola e na exploração da industria de oleos vegetaes.

Mas a lavoura é uma coisa quasi desconhecida no baixo rio. Com excepção das propriedades *São Francisco*, de Hermínio Benicio de Souza; *Santa Maria*, de Silvino Cruz; *Vista Alegre*, de Norzagaray e Companhia, e *São Felipe*, de Elias Gonçalves, as demais não apresentam nenhum incremento agricola, sendo fóra de duvida que os seus proprietarios importam cereaes para o consumo particular.

Atribuir esse descaso á esterilidade do solo seria commetter uma grave injustiça, porque a experiencia já demonstrou, de modo palpavel, que as terras do Rio Branco são apropriadas á cultura agricola, produzindo o feijão, a mandioca, o milho, o arroz, o café, o tabaco e outros generos de consumo.

Dizem os proprietarios locais que o mal deriva das difficuldades de transporte, que tornam a região quasi insulada, notadamente no rigorismo da vasante, em que é diminuto o numero de embarcações que fazem a etapa de Manãos ao alto rio, observando que o pequeno agricultor não encontraria alli nenhuma vantagem na lavoura, porque, além da demora, no embarque de seus productos, teria de sujeitar-se a fretes onerosos que ponham os generos, nos centros consumidores, por preços exaggerados.

D'ahi a causa do desprezo que os habitantes volam á agricultura, empregando-se, de preferencia, no serviço de extracção da balata e da castanha e na exploração da industria do tabaco,

acontecendo que, terminada a safra desses productos, alguns descem para Manaós com o fim de desfructar as suas parcas economias e outros ficam nas propriedades preocupados em trabalhos de pouca importancia.

## II

E' bello e magestoso o vasto estuario do Rio Branco. Na epocha da cheia que, de ordinario, começa em maio e se prolonga até agosto, as aguas abrangem toda a largura da arteria fluvial, polvilhada de ilhas e ilhotas, alagando as margens nos pontos em que o terreno declina, na sua accidentada extensão. Mas, com a vasante, essa enorme caudal desaparece, convertendo-se em pequeno volume d'agua colleante, a perlongar as praias alvadias, ou, melhor, os immensos taboleiros de tartarugas.

No entanto, o Rio Branco é o mais poderoso manancial do Rio Negro, desaguando na margem esquerda deste rio, acima da villa de Moura, em frente á povoação de Carvoeiro.

A sua extensão é de seiscentos e seis kilometros, a partir da fóz até o ponto fronteiro ao forte São Joaquim. Ahi, na configuração de um angulo, traçado pela natureza, o rio recebe pela margem esquerda o Takutú e se prolonga pela margem direita com o nome de Uraricuera, bifurcando-se mais acima com os nomes de Maracá e Santa Rosa, sendo esta a via fluvial que se estende até a cordilheira conhecida por Paracaima, na fronteira do Brazil com a Venezuela. O rio Takutú, considerado o affluente mais importante do Rio Branco, recebe no seu leito, além de outros, os tributarios Surumú, Cotingo e Mahú, notando-se que é por esta arteria fluvial que se chega até as cordilheiras da zona banhada pelo rio Rupununy, na fronteira com a Guyana Inglesa.

Entre os affluentes que cortam o baixo Rio Branco, pela margem direita, contam-se o Niviny e o Caratirimani. São duas arterias abandonadas, que deviam merecer a indulgencia de uma viagem de observação, attendendo-se á versão corrente de que, nas suas margens, á grande distancia, existem grandes balataes e seringaes que os primitivos habitantes não souberam explorar.

O Niviny é um rio de grande curso, cujo lençól apresenta o mesmo negror do Rio Negro, ao passo que o Caratirimani tem a mesma côr das aguas do Rio Branco.

Os tributarios do alto Rio Branco descrevem o seu curso através de cordilheiras e campinas que se perdem á vista do espectador, sabendo-se que alguns desses valles abrem vias de comunicação com os rios Jauapery e Uatumã.

Esse aspecto é bem diverso do do baixo rio, em virtude



## **AVISO**

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.  
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO  
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL  
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A  
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO  
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

**FONE: (92) 2125-5330**

**FAX: (92) 2125-5301**

**EMAIL: [ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM](mailto:ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM)**



**Secretaria de  
Estado de Cultura**



**CENTRO CULTURAL DOS  
POVOS DA AMAZÔNIA**